



ANÁLISE PORTUGAL MAIS COMPETITIVO IV

Formação/ensino de exigência



EUGÉNIO VIASSA MONTEIRO

Professor da **AESE**

Parece importante inculcar desde jovens, o sentido dos deveres/obrigações e dos direitos, para que não se esqueçam deles pela vida fora. Os exames e as notas, com a ordenação por mérito, parecem salutares. Uma moderada competição sempre ajuda a comparar-se e a melhorar o nível de conhecimentos. O nivelamento pela mediocridade, tem de ser definitivamente eliminado, fazendo-se a avaliação do desempenho pessoal, os esforços e o contributo para melhorar o trabalho.

Importante é não deixar transitar estudantes (de qualquer nível) para o ano seguinte, se não possuem os conhecimentos básicos exigíveis, acabando com a onda de 'facilitismo'. Assim se ajuda a ganhar bases sólidas, fazendo que se aprenda de verdade, evitando que vão encastrar mais adiante, abandonando os estudos e criando-se mais um 'frustrado' para a vida toda. Haveria que cuidar muito o ensino primário e os primeiros anos do secundário, para dar às crianças muito boas bases, sobretudo no raciocínio lógico-matemático, e a exprimirem-se com correcção. É uma tarefa delicada, para professores de muita e provada qualidade pedagógica.

A existência de números baixos, com classificações mínimas em cadeiras nucleares para se seguir determinados cursos superiores, pode ser uma boa prática quando aplicada com prudência e não com exclusividade. Por falta de candidatos pode-se permitir a entrada sem a preparação aceitável.

Deve haver uma cumplicidade, muito comprometida, das famílias no apoio à acção das Escolas; com um ambiente familiar que dê relevância e apoio ao ensino, tomando-o a sério, com mostra do empenho dos pais nos progressos dos filhos. A criação e sedimentação de hábitos de trabalho em casa, bem como o estímulo para a exigência pessoal, deixam marcas positivas ao longo de toda a vida.

Num artigo de Einstein publicado no The New York Times em 1952, havia umas considerações sábias sobre a educação, que merecem ser recordadas. Dizia: "Não é

suficiente um ensino especializado. Através dele a pessoa transforma-se numa máquina útil, mas não num ser harmonicamente desenvolvido". É importante que o estudante adquira um entendimento e vivo sentir dos valores. O estudante deve ter um sentido nítido do belo e do que é moralmente bom. (...) Deve aprender a entender os motivos dos seres humanos, os seus entusiasmos e os seus sofrimentos de modo a ter uma relação adequada com as pessoas e com a comunidade. Estes aspectos valiosos são levados às gerações mais novas pelo contacto pessoal de quem ensina; não, pelo menos no essencial, através de livros de texto'. 'Resultado de uma boa educação é que se desenvolva nos jovens um pensamento independente e crítico, o que fica prejudicado pela sobrecarga de muitas e variadas matérias'.

É bom não esquecer a importância do domínio e uso da informática, tendo claro que é uma ferramenta útil, e apenas isso.

Charles Handy falava no factor "E", que provoca Emoção, Entusiasmo, Esforço, Eferescência..., no estudante. Cita o testemunho de uma professora do ensino básico: "O que muito me emociona é ver um rapaz ou rapariga que começa a dar-se conta de que sobressai em algo. Vejo que os seus olhos brilham, que toda a sua personalidade cobra vida, que nasceu um ser novo. Este tipo de emoção é indiscutível." Há variados tipos de inteligência, pelo que as expectativas sobre cada criança devem ser diferentes, de modo a despertar o factor 'E'. E tais expectativas têm toda a importância, sobretudo quando vêm de quem muito prezamos: dos pais, professores ou colegas.

Foco na criatividade

Deveria enfatizar-se, nos processos de aprendizagem, uma vertente prática, de fazer, sempre que possível, como aplicação dos saberes ou teorias em estudo. Ao "fazer" surgem ideias de fazer bem, de melhorar, de tornar aplicável o que se faz; isso desenvolve a inteligência prática, que orientada para a acção, pode ser fonte de constantes inovações. Podem ajudar exercícios-jogos que desafiem a encontrar soluções para certos tipos de problemas, que exercitem a imaginação criadora. Todas as formas de desenvolver o espírito crítico, fazendo ver os aspectos positivos e negativos de cada ideia, levam a aprofundar, indo contra o tipo de estudos enciclopédicos, superficiais, como antes referia Einstein. Muitas matérias, dispersivas, de papaguear, apenas infantilizam. ■